



**MALIGNA ROSA QUE DEVESSE MURCHAR: A ESTÉTICA DA  
VIOLÊNCIA NO CONTO *ZORAIDE COLHE MARGARIDAS*, DE  
BRENO ACCIOLY**

**MALIGNANT ROSE THAT SHOULD WITHER: THE AESTHETICS  
OF VIOLENCE IN THE SHORT STORIE *ZORAIDE COLHE  
MARGARIDAS*, OF BRENO ACCIOLY**

*Eberton de Oliveira*<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Este artigo tem por objetivo analisar a estetização da violência presente na obra do alagoano Breno Accioly, através do recorte que traceja a linguagem literária no conto *Zoraide Colhe Margaridas*, presente na obra *Os cata-ventos* (1999). Breno Accioly pertence à geração modernista de 45 e apresenta uma forte influência barroca na sua estética que, interligada a fatores sociais, culturais e memorialistas, conduzem o seu estilo. A violência como um estrato social e cultural apresenta caminhos para afirmar a existência de uma estética da violência em diversas narrativas literárias, como observado na obra de Fonseca (2011), Resende (2011) e Ferréz (2014). Para sustentar a hipótese utilizamos um percurso teórico crítico através de textos que tratam do tema tanto em aspectos sociais, como em aspectos literários, entrecruzando esses saberes. Utilizamos na análise textos de Schollhammer (2009), Rosset (1989), Bomfim (2005; 2007), Odalia (2012), Eco (1971), Vasconcelos (2005), entre outros. Desse modo, constataremos como as narrativas acciolyanas possuem uma base de criação violenta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética; Narrativa; Violência; Literatura alagoana; Breno Accioly.

---

1 Graduado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e-mail [eberton\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:eberton_oliveira@yahoo.com.br). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Literatura Alagoana com registro no CNPQ ([dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1759052369083602](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1759052369083602)), criado em 2003 na UFAL – Campus Sertão, sob coordenação do Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva. O núcleo estuda principalmente a Literatura Alagoana nas linhas de pesquisa que compreendem poesia, espaço poético, romance, entre outras.



**ABSTRACT:**

This article aims to analyze the aestheticization of violence present in the work of the alagoano author Breno Accioly, through the outline that traces the literary language in the short story *Zoraide Colhe Margaridas*, present in the work *Os cata-ventos* (1999). Breno Accioly belongs to the modernist generation of 45 and has a strong Baroque influence on his aesthetics which, interconnected with social, cultural and memorial factors, lead his style. Violence as a social and cultural stratum presents us with ways to affirm the existence of an Aesthetics of Violence in several literary narratives, as noted in the work of Fonseca (2011) Resende (2011) e Ferréz (2014). To support the hypothesis, a critical theoretical path was used through texts that deal with the theme in both social and literary aspects, intertwining these knowledges. In the analysis we used texts from Schollhammer (2009), Rosset (1989), Bomfim (2005; 2007), Odalia (2012), Eco (1971), Vasconcelos (2005), and more. In this way, acciolyana narratives have a violent creation base.

**KEYWORDS:** Aesthetic; Narrative; Violence; Alagoana Literature; Breno Accioly.

A memória de Zoraide insiste, os episódios de sua vida se sucedem amargurando-lhe a imaginação e as recordações que lhe empalidecem o rosto vão chegando cada vez mais nítidas, ásperas e precisas. Lastima não ter envenenado os velhos há mais tempo (ACCIOLY, 1999, p.584).

A violência como um elemento estético da arte contemporânea encontra-se nos contos do escritor alagoano Breno Accioly<sup>2</sup> (1921-1966) e apresenta a certeza de que esse artista abusou de uma linguagem violenta na criação dos seus textos, tornando sua obra, surgida no Modernismo de 45 no Brasil, uma impactante representação estética da violência<sup>3</sup>. Sobrevivendo até os dias atuais, a obra acciolyana possui a mesma “estranheza e a autenticidade de uma obra de criação que vive por si e não se assemelha à de nenhum outro” (FARIA, 1999, p.673).

Diante disso, a violência, um estrato cultural estetizado nas literaturas, fomenta a ciência literária e é representada através do texto provocador e da reação do leitor, como acredita Eco (1971), o que abre caminho para que a violência na literatura possa ser uma ferramenta de reflexão social e um importante aporte para as criações artísticas. Dessa forma, a violência torna-se o fio condutor de muitos textos ficcionais. Em outros termos, a violência é uma temática

2 Nasceu em 1921 em de Santana do Ipanema, Alagoas. Começou a sua vida de escritor — contista e romancista — em Maceió, em meados de 1937, tendo como inspiração para criação dos seus textos as suas experiências de infância em sua cidade natal. Pertencente a geração de 45 teve o seu primeiro livro de contos, *João Urso*, publicado em 1944, conquistando o prêmio “Afonso Arinos”, da Academia Brasileira de Letras e o prêmio “Graça Aranha”, da Fundação Graça Aranha. O escritor publicou também os livros de contos *Cogumelos* (1949), *Maria Pudim* (1955), *Os Cata-Ventos* (1962) e um único romance, *Dunas* (1955). Accioly faleceu precocemente em 1966 no Rio de Janeiro, aos 45 anos de idade. O escritor possui textos inéditos, não publicados.

3 Utilizamos o termo estética da violência compactuando com Dias e Glenadel na apresentação do livro *Estéticas da Crueldade* (2004), quando falam que a dramatização da crueldade, uma das faces da violência, está presente no imaginário sócio-midiático contemporâneo. Logo, as artes encontram-se banhadas pelo signo da violência, sendo a Literatura, umas das manifestações artísticas que mais utiliza da violência na sua estética.

que se destaca em certas obras contemporâneas, causando um impacto capaz de atrair o leitor para investigação minuciosa.

Nesse fio condutor encontramos marcas históricas, memorialistas, culturais, sujeitos e tudo mais que suscite diversas reações. Desse modo, podemos afirmar que a estética brota através de emoções provocadas e provocadoras, do que é útil para um artista e sua criação, e que surge através das suas experiências em sociedade — da capacidade artística de saber aproveitar de acontecimentos históricos por eles vivenciados para sustentar as suas obras —, que são posteriormente transmutadas, através da linguagem, para o universo literário.

Seguindo esse pressuposto, na literatura alagoana a violência é uma marca que se destaca na prosa produzida do século XX até os dias atuais, alertando-nos para a existência de uma estética da violência, que é encontrada em outras literaturas, mas, nos textos de alagoanos, apresenta particularidades produzidas por quem vivenciou experiências únicas, e também compartilhadas, em um espaço social, político e econômico fortemente agrário, latifundiário e patriarcal (VASCONCELOS, 2005).

Diante disso, os traços de violência também são traços estilísticos para além da representação da realidade, são eco, testemunho e avaliação (ROSSET, 1989), construídos através de uma linguagem cruel e devastadora, possibilitando-nos caracterizar a literatura alagoana, numa interpretação artística, como violenta, pois agredida pela linguagem literária torna-se robusta e de valor inestimável, tanto na forma quanto no conteúdo.

Em todo caso, essa violência divide-se em violência social e sanguinária, sendo uma paralela a outra, manifestadas por ações de censura, descaso econômico, abandono, agressão física, assassinato, tortura, suicídio etc. São traços de violências reais que agem física e psicologicamente nas pessoas, e servem de inspiração direta, ou indireta, para os escritores construírem narrativas literárias próximos a realidade (LUCAS, 1989). Podemos exemplificar esses traços, transmutados para a ficção literária, no fragmento do romance *Angústia* (1990), de Graciliano Ramos (1892-1953), em que ele utiliza de uma linguagem crua e repulsiva: “Machucada, suja de poeira, lama seca e teias de aranha. Cortá-la-ia em pedacinhos, que seriam desfiados e atirados ao monturo” (RAMOS, 1990, p. 212-213).

Do mesmo modo, o escritor Nilton Resende<sup>4</sup>, através de uma prosa destemida e inquietante, utiliza de uma estética violenta para desnudar as ações das suas personagens, como podemos perceber no trecho do conto “A ceia”, presente na obra *Diabolô* (2011): “encostei a face na parede e, com força, esfreguei-a em um movimento vertical até me ferir. Quando a pele começou a arder, prenei os dentes e esfreguei o rosto com ainda mais força. Por fim, joguei a testa contra o vaso” (RESENDE, 2011, p.14).

---

4 Professor, pesquisador em Literatura, ator e escritor alagoano, Nilton Resende, já adaptou *Mário e o Mágico* de Thomas Mann, para o teatro. Foi premiado no projeto Alagoas em Cena (2006) com o livro de poemas *O orvalho e os dias* e teve a segunda edição do seu livro de contos **Diabolô** lançada em 2020, do qual dois contos já foram publicados em francês, na revista *D-Fiction* e em inglês, na revista *Bookanista*.

A linguagem desses escritores é uma demonstração de que a representação ficcional da violência é uma das marcas expressivas da literatura alagoana. De tal modo, nos contos de Breno Accioly, a violência não se acentua apenas na descrição da ação violenta, a sua linguagem é hecatômica, pois brutaliza todas as categorias de análise, como num sacrifício necessário para acalmar o “nervosismo de um Van Gogh alucinado que recorresse à nossa língua para vazar um arraigado sentimento trágico da vida” (MOISÉS, 1999, p.678).

Diante disso, temos como resultado contos que sobrecarregam uma carga de poeticidade desencadeadora de sentimentos, ora provocando pena, ora nojo, ora raiva, como fica evidente no trecho do conto “Açougue”, presente na obra *João Urso* (1999): “A menina estava morta, coberta de feridas, suporejando, começando a feder naquele improvisado berço de possantes braços. E apontavam Frederico como o causador da morte, como o assassino” (ACCIOLY, 1999, p.65).

À vista disso, afirmamos que os textos de Breno Accioly possuem uma estética de subsistência violenta, recriada através de ecos reais<sup>5</sup> e organizada com o mesmo cuidado com que se maneja uma rosa. Uma rosa de poeticidade maligna! Entre o espaço de tempo que separa a obra dos escritores citados anteriormente, Graciliano Ramos, pertencente à segunda fase do Modernismo (1930-1945), e Nilton Resende, escritor contemporâneo dos dias atuais, Accioly, tornou-se, sem sombra de dúvidas, o contista que carrega no cerne dos seus textos a estética da violência produzida na literatura alagoana.

Em todo o caso, é no conto *Zoraide Colhe Margaridas*, presente na obra *Os Cata-ventos* (1999), que encontramos a efervescência da estética acciolyana. De tal modo, Schollhammer (2009), Odalia (2012), Pires (1985) e Vasconcelos (2005) ajudam a construir um percurso teórico e crítico para falar sobre violência como um fenômeno social, que é representado esteticamente nas literaturas, em especial, na literatura alagoana. Para tanto, Eco (1971) e Rosset (1989) apresentam caminhos seguros para compreendermos como a realidade cruel da violência social é transmutada para a linguagem literária, transformando-a numa poética contemporânea que revela a urgência de tratar o tema da violência nas literaturas.

Do mesmo modo, entre outros teóricos, trazemos alguns escritores, como Fonseca (2011), Ferréz (2014) e Fiúza (1992), para dialogar com Breno Accioly e exemplificar como a estética da violência é construída nas suas ficções, através de características próprias, que incidem na prosa e também na poesia. Logo, Accioly, no conto supracitado, apresenta uma ficção arquitetada com um estilo embebido em uma densidade degradante, onde a violência é a protagonista da sua obra, comprovando que a sua ficção não abranda a temática da violência, mas, sim, a potencializa.

---

5 O contista ficcionalizou muito das suas experiências de vida, trazendo para os seus textos nomes de pessoas, lugares e acontecimentos reais.

## **Da violência à estética da violência**

A violência é um tema que circula nas esferas sociais na mesma velocidade em que as sociedades evoluem, enraizando nos seres humanos, os agenciadores de violência, a certeza de que irão utilizar dela em algum momento de suas vidas. Para Schollhammer (2009) a violência é uma mercadoria de valor inestimável, provocadora de atração e rejeição, e não é por acaso que procuramos entender a sua simbologia para uma cultura em determinado tempo e espaço, pois se é mercadoria, queremos consumi-la vorazmente.

Por outro lado, na obra de Odalia (2012), encontra-se a indagação, que nomeia a própria obra, *O que é violência?*, levando-nos a pensar que para responder esse questionamento, de maneira profunda, requer-se considerar duas categorias de análise, estudadas por muitas ciências, o tempo e o espaço. Essas categorias, interligadas a outros fatores significativos — históricos, políticos, culturais etc. —, explicam como e por que ações violentas são desencadeadas em diversas sociedades.

Em todo caso, a indagação de Odalia (2012) é complexa e relativa, devendo-se considerar múltiplos fatores para entendermos o que é a violência, não cabendo tentar generalizá-la em um só conceito. Desse modo, o autor adverte que pensar e viver a violência nos dias atuais é habitual às nossas decisões diárias (ODALIA, 2012), pois estamos falando de ações produzidas por seres humanos. Logo, essa delimitação nos leva a pensar sobre os espaços de convivência e trânsito social em dois polos que se afastam e se aproximam constantemente, a cidade e o campo.

Diante dessa perspectiva, Pires (1985, p. 6) esclarece que no Brasil

para se buscar as origens da violência, é preciso rever o processo que deu origem às cidades e ao fenômeno da urbanização que aprofundou a contradição entre cidade e campo. Isto não quer dizer que no meio rural não haja violência. Observa-se, apenas, que a violência no campo surge e se agrava em função da contradição entre o rural e o urbano e dos desequilíbrios que essa contradição impõe aos habitantes de cada meio.

Sob esse ponto de vista, os contextos sociais são produtores e agravantes da violência, e não seria diferente no Brasil, um país onde somos violentados física e psicologicamente a todo momento e, conseqüentemente, aprendemos a violentar também. Refletindo sobre isso, Odalia (2012) fala que a violência não é propriedade de uma época, e “o ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação” (ODALIA, 2012, p.22). Dessa forma, muitas vezes, a violência é silenciosa, e não menos hostil que a violência sangrenta e mortal.

Tratando da violência produzida no estado de Alagoas, compreendemos que ela possui

suas próprias marcas, e pode ser entendida através do caráter dicotômico entre o rural e o urbano. Levar em consideração que o estado de Alagoas foi edificado sob bases agrárias, com posterior urbanização, nos faz pensar sobre alguns fatores que fomentam a violência nesse estado. Dessa maneira, Vasconcelos (2005, p.27) explica que para

entender a violência no Estado de Alagoas pressupõe contextualizá-la numa formação social, política e econômica fortemente agrária, latifundiária e com acentuada concentração de renda. Esta contingência histórica faz de Alagoas uma sociedade portadora de particularidades e contradições que marcam todo o processo de produção da vida social, política e econômica local.

Diante disso, a forte incidência econômica é propulsora de violências, e causadora de desigualdades entre sujeitos, afetando de forma diferenciada as pessoas carentes e as que não sofrem situações de carência. No entanto, os crimes famigerados em Alagoas, que envolvem desavenças políticas, de desrespeito à lei, são produzidos por sujeitos que não sofrem situações de carência, como informa Vasconcelos (2005), já em relação as mais carentes, encontramos motivações que “envolvem desafeto, vingança, sentimentos de traição e desonra” (VASCONCELOS, 2005, p.30), mas isso não significa descartar a incidência dessas violências em ambos os lados.

Com efeito, ocorre um fenômeno no estado de Alagoas, uma “certa cultura que admite a eliminação do outro que represente e/ou ocupe uma posição de diferença, ou uma ameaça na disputa por espaços” (VASCONCELOS, 2005, p.30-31). Podemos dizer, contextualizando o pensamento de Bauman (1998), que todos sujeitos que sejam estranhos a valores preestabelecidos por algum grupo, mesmo sendo produzidos no seio do mesmo contexto social e cultural, estão aptos a sofrer algum tipo de violência, física ou psicológica, tornando-se sujeitos matáveis.

Por outro lado, a cultura do cangaço<sup>6</sup> também admitiu a eliminação de estranhos e produziu um tipo de violência mais brutal que ainda ecoa no imaginário popular dos alagoanos. Vale ressaltar que a violência produzida pelo cangaço a partir do século XX, conhecida principalmente pelos feitos lampiônicos, com “torturas e os assassinatos com requintes de crueldade” (PERICÁS, 2010, p.18) se destaca diante de outras características desse período e de períodos anteriores. Vingança e proteção são características que definiam a eliminação de sujeitos na cultura do cangaço.

---

<sup>6</sup> O termo *cangaço* possui diferentes significados e sentidos, e segundo historiadores é um fenômeno que teve início em meados do século XIX e chegou ao seu período mais conhecido nas primeiras décadas do século XX. A História do cangaço é ampla e envolve diferentes perspectivas: geográficas, naturais, políticas etc.

No que se refere a isso, Pericás (2010, p.18) adverte que “o cangaço, assim, seria mais do que apenas uma manifestação da marginalidade; ao longo do tempo, imbuu-se de uma diversidade de elementos culturais peculiares que lhe forneceram uma ‘estética’ e uma ‘construção’ social muito singulares”. Em vista disso, uma das marcas da violência que predominou no meio rural alagoano provém da cultura do cangaço e se torna uma representação pulsante da nossa história conhecida e explorada para além do estado de Alagoas.

Diante dessas reflexões, afirmamos que as bases sociais e culturais que estimularam e estimulam a violência em Alagoas são bem demarcadas, e saber transitar e compreender como essas bases foram construídas é necessário para que não haja conclusões meramente históricas, mas, na verdade, de caráter interpretativo (SCHOLLHAMMER, 2009), para servir de inspiração para a nossa arte. Dessa forma, também devemos entender que a violência representada na obra de escritores de outros estados dialoga com os textos dos escritores alagoanos, mas as suas bases de representação advêm de outras realidades.

Para exemplificar, temos o escritor Rubem Fonseca (1925-2020), e sua fonte de criação, a conturbada vida urbana da sociedade do Rio de Janeiro, que motiva a criação de personagens e situações impactantes, como fica claro no trecho do conto *Livre-Alvedrio*, presente na obra *Axilas e outras histórias indecorosas* (2011):

O assaltante agarrou a moça pelo braço e disse, vamos embora.

Então eu me atraquei com ele, ele disparou o revólver, senti a minha barriga queimada, isso era bom sinal, tiro de raspão. Mas o tiro que dei no assaltante foi no peito e ele ficou sangrando no chão, quando chegou a ambulância estava morto (FONSECA, 2011, p.65).

Diante desse fragmento, percebemos que a estética fonsequiana é um reflexo de observação da sociedade carioca. A violência transmutada para a sua ficção é sangrenta e produzida por assaltos e armas de fogo, mostrando conflitos entre personagens que se encontram em posições sociais diferentes. Com efeito, a sua linguagem literária é rápida e direta, sem a preocupação de utilizar uma linguagem rebuscada, optando muitas vezes pelo coloquial. Sua estética violenta age na velocidade de uma bala.

Do mesmo modo, temos o escritor contemporâneo do estado de São Paulo, Ferréz, que, apesar de trazer traços estéticos parecidos com os de Fonseca, possui a sua própria base de criação, construída através da violência que circula nas favelas do seu estado, sob o ponto de vista da população pobre, agindo também como uma forma de denúncia social. Trazemos para exemplificar, um fragmento do seu romance *Manual prático do ódio* (2014):

Após os disparos, os vizinhos saíram, encontraram os três jovens mortos, uma senhora veio do fim da rua em prantos e abraçou um dos corpos, logo mais duas mãos vieram do fundo da viela número oito e também abraçaram os filhos, Cláudio, Fábio e André não usavam droga, não andavam com Modelo e estavam ali em frente da boca de fumo só para se protegerem da chuva (FERRÉZ, 2014, p.227).

Através desses exemplos, a violência, um fator comum na obra dos escritores citados, torna-se um elemento estético compartilhado entre espaços e tempos, mas que é catapultado de maneira diferente em cada (con)texto. Portanto, devemos entender e respeitar as diferenças entre essas estéticas, porque elas são tendências de operação com similaridades (ECO, 1971), mas que apresentam diferentes contextos e suscitam diferentes sentimentos.

Desse modo, a estética da violência encontrada na literatura alagoana tem a sua carga de representação social, como apresentado anteriormente, mas ela possui uma particularidade ecoando desde a formação dessa literatura<sup>7</sup>, que são as nódoas do Barroco. Logo, Bomfim (2007) esclarece que a literatura alagoana é edificada através de uma base oral com tendências sacras e profanas, e que a formação dessa literatura, dos primeiros textos escritos, é *barroco-religiosa*.

Diante disso, a estética Barroca, caracterizada pelo exagero, rebuscamento, religiosidade, conflitos de sentimentos e ideias (PROENÇA FILHO, 1989), está presente nas obras dos nossos escritores. Assim, a estética da violência presente na literatura alagoana mescla a representação social violenta com a estética Barroca. Diga-se de passagem, apesar dos diferentes estilos de época experienciados na nossa literatura depois do Barroco, a sua estética continua ecoando nas obras dos nossos artistas, é como acredita Schollhammer (2009, p.16-17) ao dizer que “a questão de época [...] produz ainda leituras sugestivas para entender à ficção produzida num determinado momento.

Como exemplo, a religiosidade, assentada na cultura judaico-cristã, é uma fomentadora dessa estética. Nesse âmbito, retomando Odalia (2012, p.18), ele informa que a Bíblia “é um repositório [...] de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa do estupro ao fratricídio, do crime passionnal ao crime político”. Do mesmo modo, a literatura alagoana é embebida pela religiosidade com traços de violência.

Dessa maneira, a transmutação do religioso para a estética alagoana pode ser encontrada na poesia, na prosa e no drama, e muitas vezes é acompanhada de melancolia e de uma

---

<sup>7</sup> As primeiras manifestações literárias em Alagoas são líricas e de caráter religioso, influenciada pela cultura dos mosteiros jesuíticos e franciscanos, em meados iniciais do século XVIII, período em que se vivia a estética do Barroco no Brasil.



linguagem carregada de pessimismo. Observamos isso no poema “Suicídio de um rei”, de Fernando Fiúza<sup>8</sup>, presente na obra *O vazio e a rocha* (1992), que apresenta um sujeito poético que abraça o Profano e se desvencilha do Sagrado de maneira violenta, “como lobos que despedaçam a presa, derramando sangue” (EZEQUIEL, 22:27), não aceitando ser um Cordeiro de Deus:

Meu verso é feito de *feridas*  
risíveis e *cruéis*  
espinhos, espadas partidas  
não de flores e anéis,

É feito de faltas, de *brigas*  
de farpas que atirei  
de tempestades *assassinas*  
não de beijos que dei.

Minha poesia *amarga e sombria*  
nada tem de *agnus-dei*  
tem lobo, tem lâmina fria

Porque, leitor, não sei  
tem abismos, *melancolia*  
e o *suicídio* de um rei (FIÚZA, 1992, p.43 – destaques nossos).

Com efeito, também encontramos o sagrado lado a lado com a violência nos contos de Breno Accioly, como observado pela presença de um mesmo personagem, Padre Bulhões, em momentos violentos do conto “Cogumelos”, onde “padre Bulhões de capa dourada” (ACCIOLY, 1999, p.102) presencia a conclusão de um plano diabólico e mortal; do conto “Sentença”, quando a personagem “Melânia, a morta, a desvirginada aos quatorze anos, [...] fora encontrada [...] no capinzal de Padre Bulhões” (ACCIOLY, 1999, p.114) e no conto “Noiva”, quando uma personagem não pode “confessar ao Padre Bulhões um pecado” (ACCIOLY, 1999, p.147).

Diante desses fragmentos, percebemos que a ficção acciolyana é estetizada por essas características marcantes da literatura alagoana, como explanado anteriormente. Desse modo, encontramos nos seus contos personagens de diferentes classes sociais que mutuamente se violentam por motivos de desigualdades, há o exagero Barroco na representação de crueldades em espaços sombreados pela religiosidade judaico-cristã, e as histórias do cangaço presentes na infância do escritor perduraram no seu imaginário adulto e potencializaram a descrição de atrocidades na sua obra, como informado por Bomfim (2005).

Em todo caso, no conto “Zoraide colhe margaridas”, Accioly estetiza através do seu estilo devastador a violência, a sua marca mais gritante e o mote de inspiração para criar personagens e espaços únicos, que assombram os seus leitores, e servem como uma ferramenta de reflexão

---

8 Escritor alagoano e professor na Universidade Federal de Alagoas, Fernando Fiúza, é autor de seis obras poéticas, entre elas, *Outdo* (2012) e *Sonetos impuros* (2015).

para (re)vigorar o processo inventivo de escritores contemporâneos. Podemos afirmar, que Breno Accioly é o Arauto da Violência na ficção alagoana, como iremos perceber a seguir.

### A violência estetizada no conto “Zoraide colhe margaridas”

O conto *Zoraide Colhe Margaridas*, presente no livro *Os cata-ventos*, do alagoano de Santana do Ipanema, Breno Accioly, foi publicado pela primeira vez em 1962, e nos oferece uma narrativa que estetiza a violência, com requintes de crueldade, degradando as personagens e os espaços, na medida em que a protagonista, Zoraide, decide se vingar dos seus pais, um casal de velhos, que controlam a sua vida, privando-a de liberdade e afetos, como se ela fosse uma empregada que merecesse sofrer pancadas violentas.

Narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, o conto se passa no período de tempo de dois dias, mas adentra por espaços físicos e memorialistas, através de *flashbacks* sobre as infelicidades sofridas pela personagem principal, tecendo relatos de crueldades que cicatrizaram a sua pele e a sua memória. Nas linhas iniciais do conto, a miséria que aflige a personagem torna-se um dos motivos para ela cometer um crime, o assassinato dos seus pais, como notado no trecho seguinte:

Trabalhando pela comida, a cama onde dorme é um *velho colchão* que a sobressalta, tantos os *percevejos* da *fazenda apodrecida* — Zoraide que não recebe dinheiro no fim do mês tampouco nos dias de qualquer semana, acaba de abrir a torneira do gás.

Na cama do casal, marido e mulher dormem abraçados, talvez estejam sonhando enquanto os vapores do *veneno* atravessam as frinchas das portas (ACCIOLY, 1999, p.581 – destaques nossos).

Diante desse fragmento, a dinâmica da vingança surge inicialmente como um recurso narrativo que apresenta as motivações cruéis da personagem principal e as possíveis justificativas dos seus atos. É como acredita Araújo (2011) ao afirmar que a temática da vingança é recorrente em ficções de diferentes tempos e surge para dinamizar uma narrativa. Observamos marcas de degradação — *velho colchão, fazenda apodrecida* — conduzindo a protagonista ao ato violento de envenenar os próprios pais, o que provoca a manifestação de características específicas, degradantes, na descrição dessa vingança. Enquanto os pais de Zoraide dormem calmamente abraçados, ela é consumida pela degradação do espaço que deveria ser reconfortante e velar o seu sono, mas, que na verdade, suga até o seu sangue, por estar infestado por insetos parasitas, os percevejos.

A fúria acometida contra os seus pais deve eliminar juntamente com eles tudo que suscite lembranças. Com efeito, o cachorro que vivia no quintal a latir e perseguir “os vultos dos transeuntes que se afastavam do muro” (ACCIOLY, 1999, p.584), e que mesmo não recebendo os cuidados da sua dona ficava “a olhá-la através da porta” (ACCIOLY, 1999, p.584), torna-se um alvo inocente da sua vingança, como observado no fragmento a seguir:

*O cheiro intenso enfurece o cachorro acorrentado, de propósito amarrado num tronco de árvore. O cachorro ladra, olhos esbugalhados, ladrando investe contra o inimigo que não vê, o gás se escapando sempre esfria-lhe o focinho, a língua de fora se azulando como se Zoraide tivesse acabado de pintá-la. Fraqueja nas pernas que se vergam, ajeita a cabeça sobre as patas distendidas, geladas e o chão, o chão duro onde ele se encontra enrijecido e quieto só falta ser esburacado para ficar sendo sepultura de mastim (ACCIOLY, 1999, p.581-destaques nossos).*

Diante desse trecho, percebemos que a narrativa acciolyana é “voltada para [...] as disformidades, a putrefação, a morte” (MOISÉS, 1999, p.678), e o contista utiliza de recursos sintáticos, como exemplos, a inversão da ordem direta da frase — hipérbato —, o exagero na descrição de um acontecimento — hipérbole — e a repetição de termos, como recursos poéticos de estilização violenta. O conteúdo violento é enriquecido pela utilização desses recursos, como observado na passagem supracitada, denotando à sua estética um caráter singular, uma experiência que para além da descrição mexe com sentimentos ao não entregar uma linguagem de fácil assimilação em uma única leitura. A temática é violenta e os recursos estéticos também são por solicitarem uma maior dedicação do leitor. Em todo caso, podemos dizer que uma estética da violência requer atenção redobrada para a sua compreensão e que a “criação verbal [do autor é] inspirada, estimulada ou impulsionada pela ação violenta” (LUCAS, 1989, p.145 – inserção nossa).

Desse modo, após cometer o crime, a personagem Zoraide se hospeda em um hotel e começa a projetar o seu futuro, longe do lugar onde “sempre fora pisoteada, posta de lado, seviciada com crueldade” (ACCIOLY, 1999, p.582). O percurso antes da sua chegada ao hotel revela que a personagem pôs em prática a única coisa que aprendeu durante a vida, bater e esmurrar: “À rua deserta, ela brigava com o bêbado, pela primeira vez ganhava batendo, esmurrando” (ACCIOLY, 1999, p.582). Nesse fragmento temos a confirmação do que foi dito anteriormente, que quem é violentado, também aprende a violentar.

Dando prosseguimento, a personagem, ao acordar de um sono profundo no hotel, descobre, através do jornal, que um inocente recebeu a culpa pelo assassinato dos seus pais, um bêbado, que adentrou ao quintal da sua casa para urinar: “Quem já se viu entrar no quintal da casa dos outros só para mijar?” (ACCIOLY, 1999, p.582). Logo, nos questionamos se o bêbado que recebeu a culpa pelo assassinato é o mesmo que foi espancado anteriormente pela protagonista. Esse questionamento apresenta mais uma característica da ficção acciolyana, os “mistérios inconfessáveis” (BOMFIM, 2005, p.145).

Por outro lado, a personagem Zoraide, mesmo tendo a certeza de que o seu crime foi bem-sucedido, precisava ver diretamente os pais sendo velados. Conseqüentemente ela “pega um táxi pra ver o casal de velhos nos esquifes do velório” (ACCIOLY, 1999, p.582). Essa atitude nos remete ao pensamento de Rosset (1989, p.40), quando ele afirma que “se a incerteza é cruel, é que a necessidade de certeza é premente e aparentemente inextirpável”.

No percurso até o necrotério, mais uma vez a personagem é acometida por lembranças, os sermões que recebia da mãe: “escutando de cabeça baixa, como se estivesse sendo castigada ouvia o sermão irritante” (ACCIOLY, 1999, p.583). Ela também relembra as intromissões nos seus relacionamentos: “Zoraide, não quero esse namoro, telefone e desmanche agora mesmo” (ACCIOLY, 1999, p.583) e os dias que passou no hospital observando a desgraça de doentes, que, assim como o seu pai, estavam com câncer: “uma mama empedernida, riscada de veias túrgidas, ferida à carne de um mamelão desfolhado, feito maligna rosa que devesse murchar” (ACCIOLY, 1999, p.583).

Todas essas lembranças a deixavam amargurada, pois a personagem teve uma vida miserável, mesmo sabendo, e tendo que ouvir constantemente, que era rica, como notado no fragmento seguinte: “você sabe que é rica, quando eu morrer receberá muito dinheiro” (ACCIOLY, 1999, p.583). Por consequência, o que mais a deixava irritada era saber que mesmo a sua família sendo rica, e ela a herdeira desse dinheiro, sempre “a queriam trabalhando, aprendendo afazeres de empregada” (ACCIOLY, 1999, p.584).

Desse modo, as recordações pulsantes não se afastam do corpo da personagem: “no dorso da mão uma equimose ainda persistindo é uma marca de pancada violenta” (ACCIOLY, 1999, p.584) e nem da sua memória: “Zoraide apanhando de frigideira, os ovos quebrados no chão lhe causando náuseas escorriam rosto abaixo, sua boca emporcalhada berrando desespero” (ACCIOLY, 1999, p.585). Dessa maneira, essas marcas são um aviso de que a personagem está a ponto de descarregar a sua fúria na primeira pessoa que acenda a fagulha dos seus sentimentos mais sombrios.

Perante isso, Bosi (1989, p.23) adverte que “repetir o que já deu certo é, evidentemente, uma das tendências mais fortes dos seres vivos”. Para além desse pensamento, a narrativa acciolyana é cíclica, pois como observado até o momento, as ações da personagem principal são impulsionadas por sucessões de crueldades que se repetem e se intensificam, provocando descrições cada vez mais sangrentas; é como acredita Rosset (1989), quando fala que sempre substituímos loucuras, por outras mais intensas.

Portanto, na passagem da narrativa quando Zoraide chega ao necrotério e se depara com um varredor, que, ao vê-la, supõe insistentemente que a personagem é uma empregada doméstica à procura de emprego, ocorre o estopim para a sua última ação violenta, como notado a seguir:

Zoraide pega um castiçal que fumega num cotoco de vela. Com um golpe abre a cabeça do funcionário que a fica olhando com olhos empastados. Tinto de sangue o cabo da vassoura se empapa à hemorragia abundante.

Zoraide recua, não quer os sapatos manchados, à sua mão o castiçal ainda ameaça, todavia o funcionário está bem morto” (ACCIOLY, 1999, p.585).

Após cometer esse novo assassinato, a personagem consegue sair mais uma vez impune do ato violento, pois ninguém presenciou o acontecido. Desse modo, ela caminha pelas ruas se aborrecendo com tudo e com todos ao seu redor, não querendo “se lembrar de nada, coisa alguma do passado que a moleste deve aflorar” (ACCIOLY, 1999, p.586), mas ela não consegue se desvencilhar do *looping* de violências que a acomete, e uma última e “cruel lembrança a domina, sufoca-a como se ela estivesse doente, deitada à cama, ardendo de febre” (ACCIOLY, 1999, p.586).

De tal modo, a personagem lembra da sua mãe, a “velha que lhe mandara colher margaridas” (ACCIOLY, 1999, p.586) para vendê-las na calçada da sua casa, um trabalho temeroso, pois “quando as flores sobravam, Zoraide apanhava” (ACCIOLY, 1999, p.587). Consequentemente, entendemos o motivo principal que desencadeou o crime cometido pela personagem Zoraide contra os seus pais, como observado neste trecho: “À cozinha, baldes cheios de água se floriam. Naquela tarde ninguém comprara margaridas” (ACCIOLY, 1999, p.587).

Desse modo, compreendemos como a linguagem acciolyana, exagerada, cruel, cíclica, misteriosa e impactante, trança meticulosamente os fios da sua estética violenta. A degradação das categorias narrativas, enredo, tempo, espaço e personagens, provocada por essa linguagem carregada de palavras negativas — apodrecida, escuridão, assassinato, decrépito, ensanguentado — e pela não linearidade dos acontecimentos, é uma demonstração de domínio do uso da palavra, e dos efeitos poéticos que ela provoca, na elaboração de uma ficção em que cada elemento linguístico deve ser considerado.

Em todo caso, o título poético do conto só pode ser compreendido no desfecho da narrativa, após ser explicado que o ato de colher margaridas, que de imediato parece ser uma ação feliz e encantadora, na verdade esconde o sofrimento da personagem, a violência cometida por sua mãe quando ela não obtinha sucesso na venda das flores, como notado no trecho seguinte: “Zoraide apanhara demais, à véspera de morrer a velha ficara arfando de tanto batê-la, bolachões de mãos abertas que se fechavam pra rasgar o vestido grosseiro, deixá-la despida num frio de inverno. Ofegante a velha mandou: ‘agora vá costurar o que rasguei’” (ACCIOLY, 1999, p.587).

Esse fato nos faz pensar, contextualizando Rosset (1989), que o medo que a personagem sente de ser espancada, muitas vezes é o próprio desejo do acontecimento, para que com isso ela possa ter coragem de se livrar desse sofrimento. Em outras palavras, o que no início é doloroso para a personagem, torna-se comum e não menos doloroso, só que a sucessão de violências que ela sofre não desaparece “sem abrir caminho a outra que logo se apodera do lugar deixado vago” (ROSSET, 1989, p.63). A construção narrativa é organizada para o conflito entre a personagem principal, e os seus pais, ocasionar o *clímax* e um desfecho que não livra a personagem de novas ações violentas.

Por outro lado, a emanção Barroca que traceja a escrita acciolyana, principalmente através do exagero nas descrições de ações violentas, nos detalhes complexos e na presença

do sagrado da cultura judaico-cristã, não se contenta com apenas um *climax*, ela procura nos inter(ditos) da narrativa momentos de tensões múltiplas, que ocorrem tanto no tempo presente, como nas passagens memorialistas, fazendo com que a narrativa tenha mais de um ponto alto. Com efeito, a teoria torna-se uma condutora para a interpretação, mas que necessita de (des) caminhos ousados e a ajuda do próprio ficcionista, que assombra os seus textos apontando traços realísticos que devem ser considerados.

Assim, asseguramos que a estética da violência presente nas narrativas acciolyanas é nodosa, e carrega muito de uma realidade experienciada pelo criador, que soube construir textos onde a importância da violência para a estética literária é compreendida. Não queremos dizer, com isso, que compactuamos com atos violentos, mas como mencionado inicialmente, não podemos fugir das violências diárias que nos agridem, sendo a Literatura, um caminho possível para refletirmos sobre os significados e sentidos que a violência tem provocado na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Breno. *Breno Accioly: obras reunidas*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

ARAÚJO, Vera Romariz Correia de. *Toma lá, dá cá: o tema da vingança na arte*. In.: \_\_\_\_\_. *Toma lá, dá cá: rasantes críticas*. Maceió: EDUFAL, 2011. p.39-46.

BAUMAN, Zygmunt. A criação e anulação dos estranhos. In.: \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.27-48.

BIBLÍA. Ezequiel. Português. *Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica). 7. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011. p.1151.

BOMFIM, Edilma Acioli. *Razão mutilada: ficção e loucura em Breno Accioly*. Maceió: EDUFAL, 2005.

\_\_\_\_\_. A literatura em Alagoas: um percurso lírico e histórico. In.: MORAES, Maria Heloisa Melo de. (Org.). *Poesia alagoana hoje: ensaios*. Maceió: EDUFAL, 2007. p.13-40.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1989.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Coleção Debates, 4).

FARIA, Octávio de. Fortuna crítica. In.: ACCIOLY, Breno. *Breno Accioly: obras reunidas*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999. p.673-674.

FERRÉZ. *Manual prático do ódio*. São Paulo: Planeta, 2014.

FIÚZA, Fernando. *O vazio e a rocha*. Maceió: Grafal, 1992.

FONSECA, Rubem. *Axilas e outras histórias indecorosas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

LUCAS, Fábio. A violência como reflexo temático. In.: \_\_\_\_\_. *Do Barroco ao Moderno*. São Paulo: Ática, 1989. p.145-154.

MOISÉS, Massaud. Fortuna crítica. In.: ACCIOLY, Breno. *Breno Accioly: obras reunidas*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999. p.677-678.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PIRES, Cecília. *A violência no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1985.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RESENDE, Nilton. *Diabolô*. Maceió: EDUFAL, 2011.

ROSSET, Clément. *O princípio de crueldade*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VASCONCELOS, Ruth. *O poder e a cultura da violência em Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2005.